



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH  
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS**

**ROSANA LIMA CARVALHO FERNANDES**

**O CORDEL COMO ESTRATÉGIA DE FORMAÇÃO LEITORA NA EJA: VOZES  
ESQUECIDAS EM PROCESSO DE INCLUSÃO**

**CAETITÉ  
2013**

**ROSANA LIMA CARVALHO FERNANDES**

**O CORDEL COMO ESTRATÉGIA DE FORMAÇÃO LEITORA NA EJA: VOZES  
ESQUECIDAS EM PROCESSO DE INCLUSÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras Vernáculas, da Universidade do Estado da Bahia, como parte dos requisitos para obtenção da Graduação na área de Letras. Sob a orientação da Professora Dra. Patrícia Kátia da Costa Pina.

**CAETITÉ  
2013**

**ROSANA LIMA CARVALHO FERNANDES**

**O CORDEL COMO ESTRATÉGIA DE FORMAÇÃO LEITORA NA EJA: VOZES  
ESQUECIDAS EM PROCESSO DE INCLUSÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras Vernáculas, da Universidade do Estado da Bahia, como parte dos requisitos para obtenção da Graduação na área de Letras.

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2013.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Patrícia Kátia da Costa Pina

---

Prof<sup>a</sup>. Esp. Aparecida de Fátima Brasileiro Teixeira

---

Prof<sup>a</sup>. Ma. Zélia Malheiro Marques

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, pois acredito na sua presença constante em minha vida, e tenho a certeza de que ele me guiou por esse caminho, que mal conhecia, e aos poucos fui descobrindo e me apaixonando.

A todos que estiveram comigo nesta caminhada, particularmente aos meus pais (Noé e Carmelita), aos meus irmãos, e de forma especial ao meu esposo Zenilton, pela paciência, carinho e incentivo, foi sem dúvida um grande apoio em todos os momentos.

A minha orientadora professora Dra. Patrícia Kátia da Costa Pina por ter acreditado na concretização deste trabalho e me apoiado durante todo esse processo de pesquisa, tornando possível a realização de um sonho.

Ao professor Edmilson, presença constante e encorajadora na minha caminhada acadêmica.

A minha cunhada Ermina que sempre me acolheu nos momentos de angústia.

Enfim, agradeço a todos que de uma ou de outra contribuíram para a concretização deste trabalho.

Não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero. Se o diálogo é o encontro dos homens para Ser Mais, não pode fazer-se na desesperança. Se os sujeitos do diálogo nada esperam do seu que fazer já, não pode haver diálogo. O seu encontro é vazio e estéril. É burocrático e fastidioso.

Paulo Freire (1987, p.47)

## RESUMO

O presente trabalho discute a eficácia do cordel, enquanto ferramenta capaz de auxiliar na formação do leitor literário na Educação de Jovens e Adultos – EJA, no primeiro e segundo anos do Ensino Médio. Como base para análise, enfoquei a produção de estudantes durante o Estágio IV: os alunos realizaram experiências de leitura através da literatura de cordel, tanto em sala de aula, quanto fora dela, entre os meses de outubro e novembro de 2013, e a partir dessas leituras produziram textos relatando essas experiências. Para a concretização deste trabalho foram discutidas questões voltadas para a constituição, expansão e aceitação dessa literatura nas camadas populares, principalmente da região Nordeste do país, destacando ainda o processo de ultrapassagem dos muros das escolas que passaram a utilizá-la como suporte no processo de aprendizagem e formação do leitor e universidades, de forma que, na atualidade são muitos os estudos com ênfase na importância histórica, social, cultural e didática do cordel. Foram abordados também conceitos relacionados à linguagem, leitura, leitor e a modalidade de ensino denominada EJA; ressaltando a contribuição da poesia popular nordestina na formação leitora desses sujeitos, considerando que estes também constituem o povo nordestino. Este trabalho está fundamentado na proposta pedagógica de Freire (1987, 1990) e nos estudos de Aguiar e Bordini (1988), Galvão (2006), Yunes (2003), Pinheiro (2007), Araújo (2007), Haurélio (2010), entre outros.

**Palavras-chave:** Cordel. Formação leitora. EJA. Inclusão.

## ABSTRACT

This paper discusses the effectiveness of the twine as a tool able to assist in the formation of the literary reader in Educação de Jovens e Adultos – EJA the first and second years of high school. As a basis for analysis, I focused on the production of students during training IV: students experimented read through the cordel literature both in the classroom and outside of it, between the months of October and November 2013, and from these readings produced texts reporting these experiences. For the realization of this work issues facing the establishment, expansion and acceptance of this literature in the lower classes were discussed, mainly in the Northeast region of the country, also emphasizing the process of overtaking the walls of the schools that began to use it as support in the learning and training process of the reader and universities, So that, nowadays are many studies with emphasis on historical, social, cultural and didactic importance cordel literature emerged. Concepts related to language, reading, reader and teaching modality called were also addressed EJA; highlighting the contribution of the Northeastern folk poetry reader training in these subjects, whereas these are also the northeastern people. This work is based on pedagogical proposal of Freire (1987, 1990) and in studies of Aguiar and Bordini (1988), Galvão (2006), Younes (2003), Pine (2007), Araujo (2007), Haurélio (2010), among others.

**Keywords:** Cordel. Reader training. EJA. Inclusion.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>1. VOZES DO SILÊNCIO</b> .....	12
1.1 CORDEL E FORMAÇÃO LEITORA.....	18
1.2 CORDEL E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	22
<b>2. A LINGUAGEM CORDELÍSTICA</b> .....	29
2.1 CORDÉIS DO CORAÇÃO .....	30
<b>3..DESCREVENDO O ESPAÇO DE CONCRETIZAÇÃO DA PESQUISA</b> .....	41
3.1 ESTRATÉGIAS DE LEITURA DOS CORDÉIS NA EJA.....	42
3.2 VOZES ESQUECIDAS EM PROCESSO DE INCLUSÃO.....	44
<b>CONCLUSÃO</b> .....	51
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	53

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa voltada para a utilização do cordel como instrumento favorável à constituição do leitor na Educação de Jovens e Adultos do 1º e 2º anos do Ensino Médio.

O desejo de realizar este trabalho surgiu a partir do meu primeiro contato com a literatura de cordel, que ocorreu durante as aulas da disciplina designada Estudo dos Textos Populares, no segundo semestre do curso de Letras da UNEB, através do professor Rogério Soares. Algumas vezes, ele levou cordéis para que nós lêssemos em sala de aula. As histórias que li eram fascinantes e divertidas, incitavam em mim o desejo de ler sempre mais, de conhecer histórias novas. A partir disso, passei a ter interesse pelo cordel e comecei a estudar sobre o assunto.

Outro acontecimento marcante que fortaleceu o meu desejo em aprofundar esse estudo, está relacionado ao dia que encontrei na casa do meu sogro, de 75 anos, alguns cordéis guardados dentro de uma gaveta embutida em uma mesa antiga, já estavam bem envelhecidos devido aos longos anos a que resistiram. Fiquei impressionada, nunca conheci alguém que tivesse folhetos tão antigos. Meu sogro sempre citava alguns versos das histórias que mais gostava, repetidamente falava sobre *O cachorro dos mortos*, de Leandro Gomes de Barros, dizendo ser uma história muito bonita. Ao interrogá-lo afirmou que comprava os cordéis na feira e lia, isso, segundo ele, antes de adquirir seu primeiro rádio a pilha, depois disso, alguns foram depositados em uma gaveta e outros dados a quem pedisse.

A partir disso comecei a refletir sobre a presença do cordel no cotidiano das pessoas semialfabetizadas, ressaltando que o meu sogro possuía pouca instrução escolar, mas era habituado à leitura dos cordéis na juventude.

Fiquei tão entusiasmada com essas experiências que acreditei ser uma boa proposta de leitura na sala de aula, por isso propus no sexto semestre a utilização de cordéis como material para a realização das oficinas solicitadas pela disciplina de Estágio Curricular Supervisionado II, que foram ministradas para públicos diferenciados, participaram alunos do ensino fundamental, médio e universitários. Os resultados foram satisfatórios, os sujeitos participantes das oficinas se envolveram no processo de leitura, discussão e produção de textos com base na estrutura dos

cordéis lidos, demonstraram interesse e curiosidade sobre os temas que norteavam os cordéis e se deixaram levar pela leveza da linguagem rimada e metrificada.

A problemática que envolve esta pesquisa se baseia no desinteresse dos alunos pela leitura literária e na investigação sobre as possibilidades de a linguagem cordelística e suas representações culturais poderem contribuir no despertar desse interesse. Suponho, aqui, que um dos empecilhos para desenvolver o gosto pela leitura está pautado na falta de diálogo entre texto, contexto e leitor, dessa forma, proponho a utilização do cordel, como discurso voltado para a realidade dos que vivem no sertão nordestino, portanto constitui-se como instrumento capaz de dialogar com tal realidade.

Durante as observações de Estágio Curricular Supervisionado IV, em uma turma de EJA correspondente ao primeiro e segundo anos do Ensino Médio, percebi que os alunos não interagem durante as aulas, eram muito dispersos e desinteressados, então acreditei ser esse o espaço ideal para a consolidação desta pesquisa.

Para a concretização deste trabalho, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, através da qual foi possível dialogar com estudiosos dos assuntos abordados; posteriormente realizei uma pesquisa documental, ou seja, ocorreu o processo de leitura e seleção dos cordéis que seriam levados para sala de aula. Por fim, a pesquisa aplicada, na qual, os alunos tiveram contato com a literatura de cordel e realizaram experiências de leitura na sala de aula e em outros ambientes, e partir disso, escreveram textos relatando suas experiências de leitura através do cordel, produções estas que serviram de base para análise dos resultados.

Na primeira seção deste Trabalho de Conclusão de Curso são discutidos os pontos relevantes que fazem referência a historicidade, a função social e cultural da literatura de cordel, enquanto gênero discursivo predominante na região Nordeste do Brasil. Procurei verificar a quais camadas sociais essa literatura se destina, já que é considerada literatura popular, permeada pela oralidade, além de ser construída por uma linguagem que favorece o entendimento e memorização das narrativas, alcançando até mesmo o público não alfabetizado.

A seguir na subseção um ponto um são abordados alguns conceitos referentes ao leitor e a leitura; e além disso, há discussões sobre os benefícios e eficácia da utilização do cordel como instrumento capaz de colaborar na formação leitora, devido as estratégias de linguagem que o constitui.

Já na subseção que se segue há uma discussão envolvendo o histórico da Educação de Jovens e Adultos, bem como, as transformações ocorridas ao longo dos anos para melhor atender e adentrar o contexto dos alunos que optaram ou necessitam dessa modalidade de ensino e as possibilidades de utilização do cordel para formação leitora na EJA.

A segunda seção corresponde a análise de alguns cordéis utilizados na aplicação da pesquisa, descrevendo o tipo de construção e temáticas abordadas nas narrativas.

Na segunda seção são enfatizadas as características da linguagem cordelística, ressaltando de que maneira essa voz poética pode contribuir na formação do leitor literário.

A subseção dois ponto um corresponde a análise de alguns cordéis utilizados na aplicação da pesquisa, descrevendo o tipo de construção e temáticas abordadas nas narrativas.

Na terceira seção é feita a descrição do espaço de pesquisa e do perfil dos sujeitos que a constituem.

A subseção três ponto um traz descrições das ações e estratégias utilizadas na aplicação da pesquisa.

Por fim, na subseção três ponto dois é realizada a análise dos textos escritos pelos alunos, nos quais expuseram suas compreensões e interpretações a cerca da experiência de leitura que realizaram através dos cordéis.

## 1. VOZES DO SILÊNCIO

A literatura popular, em particular a literatura de cordel, permaneceu durante muito tempo às margens da sociedade, no entanto, essa literatura era o principal instrumento que possibilitava o contato do povo com a leitura ou audição de histórias.

É preciso, então, pensar a literatura de cordel como estratégia de resistência do povo nordestino, visto que, conserva seus valores e está permeada pela ideologia predominante na região. Neste sentido, vale ressaltar a colocação de Certeau (1994, p.42) ao discutir sobre a cultura popular, afirma que do mesmo modo que a literatura denominada “popular”, esta se concretiza como artes de fazer, ou seja, como formas de resistir ao domínio das classes dominantes, “[...] a cultura popular se apresenta diferentemente, assim como toda literatura chamada ‘popular: ela se formula essencialmente em “artes de fazer” isto ou aquilo, isto é, em consumos combinatórios e utilitários. [...]”.

Outro ponto que a enfatizar é a multiplicidade de vozes que constituem um texto literário, essa multiplicidade de vozes é o que Bakhtin designa polifonia, de acordo com Pires (2010, p.66), “para Bakhtin, a polifonia é parte essencial de toda enunciação, já que em um mesmo texto ocorrem diferentes vozes que se expressam, e que todo discurso é formado por diversos discursos.” Assim, também a literatura de cordel é construída a partir das muitas vozes dos sujeitos que compartilham experiências dentro de um determinado grupo social.

São diversos os estudos que comprovam a eficiência do cordel enquanto instrumento alfabetizador e constituinte do leitor, lembrando que já foi durante muito tempo o único material impresso a que tinham acesso as classes menos favorecidas, não só para diverti-las, mas também para informá-las sobre os acontecimentos nacionais e internacionais.

As pesquisas relacionadas à trajetória do cordel no Brasil revelam que existia um número considerável de leitores, ou melhor, de leitores/ouvintes, como designa Ana Maria de Oliveira Galvão (2006), ressaltando que no contexto da época, entre os anos 1930 a 1950, na qual a literatura de cordel alcançou seu auge, a maior parte da população nordestina era constituída por não alfabetizados.

Luyten (1983, p.7) explica a preferência que esses sujeitos tinham pela poesia, de acordo com ela “[...] as sociedades humanas, quando são iletradas, têm como único recurso a memória para guardar aquilo que acharem importante. Daí a tendência de ordenar toda espécie de mensagens em forma poética.”

De fato verificamos que a poesia é uma das formas mais utilizadas pelo povo nordestino para manter viva sua cultura e sua história; muitas vezes registradas inicialmente na memória do povo que constitui uma dada comunidade, e depois na sua forma escrita pode ultrapassar limites e dar-se a conhecer por diferentes povos de culturas distintas.

A partir dessa interação surgem novas histórias com personagens diferentes, que deixam transparecer as fragilidades e virtualidades humanas, de acordo com os valores culturais de cada povo. No que se refere especificamente à poesia de cordel, acrescenta-se a isso o seu baixo preço e a acessibilidade, visto que, são vendidos em diversos locais, inclusive nas feiras, onde geralmente, são cantados para atrair o público consumidor formado pelo povo excluído, na maioria das vezes não alfabetizado.

Na atualidade, os meios de comunicação, especialmente a internet, também se prestam à divulgação dessa literatura, de modo que as editoras e cordelistas levam suas histórias aos leitores que têm interesse por esse tipo de leitura, entretanto, este é um recurso ao qual poucos leitores do cordel dispõem, devido ao fato de ser um público em sua maioria não familiarizado com tal ferramenta de comunicação.

Georg Thompson (apud PINHEIRO, 2007, p.24) ressalta essa interação existente entre o poeta e o povo ao afirmar, “Em nossas origens, toda poesia é um ato social, em que comungam poeta e o povo”. Assim, a forma poética se desenha como a voz que traduz de maneira particular as vivências do povo, por meio de uma linguagem que todos compreendem e guardam na memória, como resquícios de uma história que não pode ser esquecida, apenas reinventada pelas múltiplas vozes que a constitui.

São inúmeras as temáticas que encontramos nos textos cordelísticos, desde assuntos comuns ao cotidiano, acontecimentos, histórias de humor, religiosidade, de príncipes, princesas, heróis corajosos, cangaceiros, às dificuldades enfrentadas pelo povo que luta para sobreviver em um ambiente de instabilidade: o sertão. De acordo com Galvão (2006, p. 35-36),

Os folhetos tratam de uma diversidade de temas: religião e misticismo (com a forte presença de Cristo, dos santos, dos beatos [...] e do diabo), relatos de acontecimentos cotidianos e políticos mais amplos, descrição de fenômenos naturais (como as secas ou as enchentes) e sociais (como o cangaço), decadência dos costumes (muitas vezes associadas ao urbano), narração de histórias tradicionais, aventuras de heróis e anti-heróis, etc..

Alguns estudiosos, como Marco Haurélio, buscam conhecer a historicidade da literatura de cordel e sua importância social em cada época, desde a anterior aos impressos no Brasil, a partir do surgimento das tipografias que possibilitaram a impressão dos textos, as técnicas de ilustração desenvolvidas pelos poetas, as transformações sociais que ora elevava o cordel, ora desenhava-se um momento de crise que ameaçava sua existência, além de reflexões sobre a utilização do cordel na educação e o despontar de novos poetas que se dedicam ao estudo e produção de tal literatura, e dessa forma promovem a permanência e a expansão do cordel. No que se refere ao surgimento do cordel no Brasil, ele expõe,

A Literatura de Cordel é a poesia popular, herdeira do romanceiro tradicional e, em linhas gerais, da literatura oral (em especial dos contos populares), desenvolvida no Nordeste e espalhada por todo o Brasil pelas muitas diásporas sertanejas. (HAURÉLIO, 2010, p. 16)

Apesar de ser resultado de um processo de aculturação, pois os primeiros textos que aqui chegaram foram trazidos pelos colonizadores, a literatura de cordel assume um caráter próprio no Nordeste brasileiro, tornando-se de início a literatura dos excluídos. Em suas pesquisas, Márcia Abreu (1999) também chegou à mesma conclusão sobre a origem da literatura de cordel,

Originária da Europa, ancorada nas histórias tradicionais do medievo ocidental e difundida no Brasil pelas mãos de colonos portugueses, a literatura de cordel encontra influência nos romanceiros e na literatura de tradição oral, que faziam parte do tipo de arte desenvolvida entre as camadas populares europeia. (ABREU, 1999 apud ARAÚJO, 2007, p. 45).

De fato, o cordel encontrou no Nordeste brasileiro condições favoráveis ao seu desenvolvimento, principalmente por se constituir através da união entre a oralidade e a escrita, considerando que essa região sempre apresentou os maiores índices de analfabetismo do país, daí a importância da oralidade para inserir o sujeito não alfabetizado no ambiente de leitura.

No texto “Leituras e Leitores ‘Populares’: da Renascença ao Período Clássico”, Roger Chartier expõe essa importância da oralidade para familiarização das classes populares com a leitura no período denominado Renascença, no qual de início só uma minoria tinha acesso aos livros, por isso era, sobretudo através da leitura compartilhada e oralizada que os mal alfabetizados e não alfabetizados experimentavam a leitura. Segundo ele,

[...] A poética da leitura oralizada, descrita ou visada pelos textos, cria, pelo menos na cidade, um vasto público de ‘leitores’ populares que inclui tanto os mal alfabetizados como os analfabetos e que, pela mediação da voz leitora, adquire familiaridade com as obras e com os gêneros da literatura culta. Compartilhada dos meios letrados [...]. (CHARTIER, 1999, p.124).

Retomando as especificidades do desenvolvimento do cordel no Brasil, Roberta Alves (2010, p.25) diz que: “[...] O cordel vai se desenvolver dentro de um universo excluído das discussões por muito tempo; um universo de desconsiderações.” Assim, não é por acaso que grande parte das pesquisas sobre essa literatura leva os pesquisadores a perceberem que ela foi aceita e expandida entre as classes menos favorecidas da sociedade concentradas na região Nordeste do Brasil.

A partir dessas considerações, é preciso pensar também em como desmistificar a construção da identidade do homem nordestino, como ignorante e incivilizado, e tornar visível as transformações sociais e culturais que ocorreram no Nordeste ao longo da história, mantendo-se, porém os valores essenciais à sua sobrevivência. Neste contexto, a literatura de cordel se concretiza como parte da cultura nordestina, na medida em que se ocupa de relatar através da poesia a uma sociedade em sua maioria não alfabetizada, as histórias presentes na memória do povo e os acontecimentos do cotidiano, neste caso caracteriza-se como uma espécie de jornal do povo. Nesse sentido, Alves (2010, p.16) aborda que,

Entender o cordel como ferramenta de um processo cultural, pelo seu dinamismo e complexidade, é supor uma cadeia de influências. Os registros que se articulam no interior das narrativas rimadas são vestígios de um tempo, de um espaço, com personagens próprias, mas que sempre dirão muito da comunidade da qual emergem, numa relação sincrônica com a realidade.

Pensando nisso, podemos concluir que o cordel, enquanto instrumento cultural tende a revelar a intimidade do meio no qual está inserido, ou seja, falará do seu povo e da realidade que o cerca. Ainda na perspectiva de Alves (2010, p.18), “Essa literatura era a principal forma de contato popular com a história. Diálogo de um povo com o tempo e a memória no interstício poético e cultural das experiências e identidades compartilhadas”.

Esta afirmação confere o caráter popular da literatura de cordel, ou seja, ela é entendida como a literatura do povo, dos excluídos, o principal meio para se difundir ideias, narrar acontecimentos cotidianos e recontar diversas histórias que predominam na memória do povo, além disso, era a principal forma de lazer, conhecimento e informação a que tinham acesso àqueles que viviam a margem da sociedade brasileira.

Para Curran, a história do Brasil pode ser (re)construída a partir dos folhetos de cordel. Ele relata ainda que o cordel possui um caráter híbrido, destacando ainda algumas funções inerentes ao poeta popular. Segundo ele,

O cordel, mais uma vez é caracterizado como um meio híbrido: popular em termos de produção, disseminação e consumo, enquanto conservadoramente folclórico no pensar de seus poetas tradicionais e do público. Além disso, seus poemas de acontecidos são realmente memória, documento e registro de cem anos da história brasileira, recortados e reportados pelo cordelista, que além de poeta é jornalista, o conselheiro do povo e historiador popular, criando uma crônica. (CURRAN, 2009, p.19)

Esse hibridismo, conforme o autor diz respeito primeiramente ao caráter popular do cordel, no que tange a produção, divulgação e consumo desta literatura, ao mesmo tempo, assume um caráter folclórico, no que se refere ao modo de pensar dos poetas tradicionais e do público, no entanto, essa base folclórica, pode funcionar como uma forma de estigmatização do saber que o povo possui, visto que,

é considerado pela classe dominante, de acordo com Grillo (2005, 122), [...] “matéria de importância menor, simples recolha do anedótico”. [...]. Ela enfatiza ainda que é preciso considerar dois aspectos essenciais relacionados ao folclore, primeiro é necessário enxergá-lo como,

[...] uma fonte riquíssima para o estudo histórico da cultura popular, das classes pobres populares, dos excluídos, do homem rural brasileiro, do sertanejo, como se queira denominar; em segundo lugar, encontramos perpassando os estudos de folclore uma discussão sobre a identidade nacional e a constituição do povo.(GRILLO, 2005, p.122).

Assim, a literatura de cordel que está permeada por esses valores pertencentes ao povo, também se constitui como um importante recurso para conhecer a história e identidade dos homens e mulheres que ocupavam e ocupam a região Nordeste do nosso país, que são reconhecidos nos personagens predominantes dessas narrativas.

Por isso essas narrativas podem ser caracterizadas como memória e documento, outro ponto a ressaltar é a caracterização da literatura de cordel como crônica, dessa forma, conclui-se que frequentemente, o poeta relata poeticamente os acontecimentos notáveis e/ou corriqueiros que ocorriam na região.

Galvão (2006) desenvolveu uma pesquisa sobre a experiência de ouvintes e leitores dessa literatura entre os anos de 1930 a 1950 no estado do Pernambuco - época em que o cordel alcança seu auge. Conforme Galvão (2006, p.107),

[...] o público consumidor dos folhetos, na época de seu apogeu, era constituído, predominantemente, por homens, mulheres e crianças das camadas populares, analfabetos ou semi-alfabetizados. Mas, os estudos realizados sobre o tema afirmam, ainda, que o leitor de cordel é “nordestino”.

Mais uma vez, as práticas de leitura e audição da literatura de cordel se concretizam nas camadas populares que possuíam pouco ou nenhum domínio da leitura. A partir dessas reflexões, é possível afirmar que a literatura de cordel no Brasil, se consolidou como a voz do povo, pois este se identificava com as leituras

que decifrava ou ouvia através do canto dos poetas e das declamações realizadas em família por algum membro que possuía certo domínio sobre a leitura, além de serem memorizadas e contadas oralmente sem o material impresso.

## 1.1 CORDEL E FORMAÇÃO LEITORA

Como já foi dito a leitura dos cordéis que passou a ser tão apreciada e constante no final do século XIX, além de ser na maioria das vezes, o único instrumento de leitura a que tinha acesso o povo excluído, possibilitava aqueles sujeitos experimentar realidades diversas que ao mesmo tempo dialogavam e se refletiam na sua própria realidade; de um povo que aprendeu a viver em um ambiente de instabilidade, marcado pela dura realidade das secas, como relata Silva,

A sociedade que aqui se instalou teve que enfrentar um grande desafio: a condição da região semi-árida com as diversas secas que a castigaram ao longo da sua história e ameaçavam expulsar o ser humano que se aventurara estabelecer-se nestas paragens. (SILVA, 2007, p.3).

Além disso, era constante a presença de personagens que usavam de artimanhas para sobreviver nesse ambiente de instabilidade, sobressaindo a figura de João Grilo; relatavam também a vida dos cangaceiros, que ora eram descritos pelos poetas como bandidos, e ora como heróis; enfim eram muitos os personagens, histórias e os acontecimentos que chegavam ao povo através da literatura de cordel. É nesta perspectiva de reconhecimento, que se enquadra a afirmação de Perrone-Moíses (1998, p.56): “[...] Buscando dizer a si mesmo, o poeta encontra sempre na linguagem, a alteridade (otredad)”. Com base nesta abordagem compreendemos que o poeta tende a falar de si e da sua realidade, porém reconhecendo-se no outro e na realidade que o cerca.

Nesse sentido é preciso considerar o que afirma Deleuze (2003, p.36-37): “[...] Tudo passa pela linguagem e se passa na linguagem. [...]”. Dessa forma tudo é

criado através da linguagem e na linguagem, portanto o homem nordestino também foi criado a partir da linguagem dos cordéis, ao mesmo tempo que a criou, na medida em que através desta linguagem foi se construindo sua identidade.

Ao se referir à leitura, Yunes (2003, p.7) enfatiza “[...] é possível afirmar que sem a leitura a escrita permaneceria na condição de letra morta, monumento mudo, parada no tempo e no espaço, bem aquém da oralidade”. Confirma-se então a importância do leitor, pois a escrita só pode ser considerada um avanço da humanidade, mediante a leitura. De que serviria a escrita sem os possíveis leitores? Para refletir um pouco mais sobre essa importância dada ao leitor, utilizo as palavras de André Belo (2002, p.53),

[...] O leitor de certa maneira, reescreve o texto que lê. Por isso, a página impressa não é uma letra morta: ela é o lugar onde se produz o encontro, sempre diferente, entre a palavra já escrita e os novos sentidos que os leitores lhe vão dando. [...].

Assim, a leitura também é uma reescrita do texto, na medida em que cada leitor vai construir um diálogo entre aquilo que leu e sua visão de mundo, lembrando que cada sujeito tem uma visão de mundo particular, não se pode exigir que todos leiam um texto da mesma forma, além disso, o texto é livre de amarras, e não permite que lhe seja dado um fim, é sempre possível uma nova reescrita a depender da multiplicidade de leitores atravessados por múltiplos valores culturais.

Nesta perspectiva, de acordo com Chartier (1999, p.122), “[...] Sem leitor, o texto é apenas um texto virtual, sem existência verdadeira. [...]”. Em todas essas afirmações sobressai a figura do leitor como aquele que constrói os sentidos do texto a partir do diálogo entre este e suas vivências. Nas palavras de Zumthor (2000, p.63) “[...] ela é encontro e confronto pessoal, a leitura é diálogo. [...]”. Portanto não há como escapar da percepção de concretização da leitura enquanto diálogo e reescrita.

Ao estudar a literatura de cordel nordestina, pretendo proporcionar aos sujeitos constituintes desta pesquisa o conhecimento de alguns autores regionais, no intuito que esses sujeitos possam se reconhecer culturalmente, entrelaçando o

conhecimento de mundo que possuem e a possibilidade de aprendizagem e reflexão através do cordel, pois na perspectiva de Freire (1990, p.11-12),

[...] A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Neste trecho fica explícita a necessidade de pensarmos antes no diálogo que poderá ser estabelecido entre o texto e o contexto do leitor, pois o conhecimento que foi adquirido durante sua experiência de vida é indispensável para a realização de uma leitura construtiva.

Além disso, devemos considerar que a leitura também deve ser uma experiência prazerosa, é o que confirma Perrone-Moíses ao citar Borges: “Borges considera a leitura um prazer, uma felicidade, mais do que uma aprendizagem ou um aperfeiçoamento cultural.” (PERRONE-MOÍSES, 1998, p.72). Neste aspecto, é que serão selecionados títulos de cordéis que contenham traços da cultura nordestina, incitando a construção de um pensamento crítico e reflexivo sobre si, sua realidade e os outros, ao mesmo tempo em que se pretende proporcionar ao leitor uma leitura prazerosa.

Frequentemente os professores encontram em suas salas de aula alunos com intenso desinteresse pela leitura, especificamente a leitura literária, ressaltando ainda que muitas vezes esse desinteresse se encontra também no professor, segundo Perrone-Moíses (1998, p.178), “O desafio progressivo pela leitura é fenômeno internacionalmente reconhecido. Leitura exige tempo, atenção, concentração, luxos ou esforços que não condizem com a vida cotidiana atual.”

De acordo com a autora a falta de interesse pela leitura se manifesta como resultado da condição, na qual se encontra a sociedade contemporânea, de fato muitas pessoas justificam a falta de hábito de ler, como perda de tempo, quando se há tantas coisas para fazer, quantas vezes perguntamos uma pessoa o que ela está fazendo, e ela responde, nada, estou lendo. Verifica-se então a leitura como resultado do ócio, quando não há nada para fazer, há espaço para a leitura como lazer. No entanto, são inúmeras as possibilidades de leitura, que podem ser

realizadas não só a partir do texto escrito, mas de múltiplas situações vivenciadas pelo sujeito em interação com o seu meio.

Com base nisso, procurarei averiguar como os alunos se reconhecem na leitura dos cordéis, considerando que, segundo Carvalho e Lopes (2012, p.115): “Ler é construir significados, é um processo mediante o qual se compreende a língua escrita, sendo o leitor um sujeito em interação com o texto”. Sendo assim, o leitor é aquele que interage com o texto e a partir de suas experiências cria significações para o texto lido e para a vida.

Retomando a necessidade de conduzir o aluno a leitura literária prazerosa e significativa, Aguiar e Bordini (1988, p. 15) afirmam,

A riqueza polissêmica da literatura é um campo de plena liberdade para o leitor, o que não ocorre em outros textos. Daí provém o próprio prazer da leitura, uma vez que ela mobiliza mais intensa e internamente a consciência do leitor, sem obrigá-lo a manter-se nas amarras do cotidiano.

Dessa forma, vê-se a leitura literária como uma série de possibilidades, de aprendizagem e de liberdade; entretanto, não é isso que encontramos no espaço escolar, na maioria das vezes essas possibilidades são limitadas ao estudo de fragmentos de cânones literários, privilegiando a história da Literatura, em detrimento da leitura, e por fim os alunos não chegam a conhecer nem os clássicos trabalhados nos livros didáticos, nem a literatura predominante na sua região, que na maioria das vezes, é construída a partir dos valores culturais, nos quais o poeta está inserido, como é o caso da literatura de cordel nordestina. Nesta perspectiva Aguiar e Bordini (1988, p.16) expõem,

A formação escolar do leitor passa pelo crivo da cultura em que este se enquadra. Se a escola não efetua o vínculo entre a cultura grupal ou de classe e o texto a ser lido, o aluno não se reconhece na obra, porque a realidade representada não lhe diz respeito.

Portanto, o professor deve se preocupar em promover uma interação entre o aluno e a obra, de modo que, este possa se identificar com a leitura e atribuir-lhe sentidos.

Com base nisso, cito novamente Aguiar e Bordini (1988, p.15) que afirmam, “A atividade do leitor de literatura se exprime pela reconstrução, a partir da linguagem, de todo universo simbólico que as palavras encerram e pela concretização desse universo com base nas vivências pessoais do sujeito.” Mais uma vez prevalece a capacidade do leitor em reconstruir e significar o texto literário a partir das experiências e do conhecimento que este possui da realidade que o cerca.

É fato que na contemporaneidade, o cordel vem conquistando espaço dentro das escolas e universidades, passou a abranger outras regiões além do Nordeste, acompanhou os progressos tecnológicos, na medida em que hoje podemos ler e comprar folhetos via internet, ressaltando que esse recurso abrange poucos leitores dessa literatura, além disso, os novos poetas ainda escrevem sobre os temas predominantes do final do século XIX; muitos continuam utilizando uma pitada de humor em seus textos, mas também falam sobre os temas atuais e indispensáveis à conscientização do leitor perante a sociedade em que vive.

## 1.2 CORDEL E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Ressaltando que este trabalho se baseia na utilização da literatura de cordel como instrumento capaz de contribuir com a formação leitora dos alunos da EJA (Educação de Jovens e Adultos). Espera-se que, a partir, da leitura dos cordéis, os alunos construam uma reflexão sobre si e a sua realidade, no intuito de incitar ações capazes de transformar essa realidade, portanto o que se propõe é a *práxis* termo que na concepção de Freire (1987, p.21) corresponde a “[...] reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo, Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos.”

Considerando que a EJA se constitui por alunos com idade superior a 15 anos, geralmente já inseridos no mercado de trabalho, e por isso chegam à escola esgotados, e conseqüentemente indispostos, somando-se a isso a falta de incentivo

dos professores e da escola, que na maioria das vezes encontram-se sobrecarregados de trabalho, além de muitas vezes não possuírem uma formação específica para lidar com esse grupo, não conseguem promover o diálogo e a construção do conhecimento a partir das múltiplas realidades que compõem uma turma de EJA, lembrando que “[...] São diversos e vivem na diversidade produzindo cultura e conhecimento. Colocam-se, portanto, na Educação de Jovens e Adultos, como sujeitos de direito à formação e ao desenvolvimento humano pleno.” (BAHIA, 2009, p.12).

O resultado desse processo é a evasão escolar desses sujeitos que buscam uma nova oportunidade através da educação, e, no entanto não se adaptam ao vazio que muitas vezes habita a sala de aula. De acordo com a Secretaria de Educação do Estado da Bahia,

A proposta pedagógica da EJA está pautada pelo dever do Estado de garantir a Educação Básica às pessoas jovens e adultas, na especificidade do seu tempo humano, ou seja, considerando as experiências e formas de vida próprias à juventude e à vida adulta. [...] (BAHIA, 2009, p.11)

Portanto, é fato que os alunos desta modalidade já possuem uma experiência de vida considerável, na qual construíram seus valores. Assim faz-se necessário que a escola dialogue com esses valores, possibilitando o aperfeiçoamento destes e a construção de novas visões de si e do mundo.

Para que isso aconteça, de acordo com a Secretaria de Educação do Estado da Bahia (2009, p.11), “[...] o currículo deverá ser pautado em uma pedagogia crítica, que considera a educação como dever político, como espaço e tempo propícios à emancipação dos educandos e à formação da consciência crítico-reflexiva e autônoma.”

Dentre os Princípios Teórico-metodológicos norteadores da EJA, propostos pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia, destaca-se este que reafirma a necessidade de “Reconhecimento e valorização do amplo repertório de vida dos sujeitos da EJA: saberes, culturas, valores, memórias, identidades, como ponto de partida e elemento estruturador de todo o estudo das áreas de conhecimento.” (BAHIA, 2009, p.15).

Assim, é indispensável pensar a realidade desses sujeitos que tiveram os direitos à educação negados ou interrompidos por algum motivo durante a infância e a adolescência, certamente o diálogo entre escola e aluno, é a melhor alternativa para mantê-los na escola, visto que, apesar do crescimento do número de matrículas, a evasão escolar é constante, inclusive esse é um dos maiores desafios dos educadores dessa modalidade.

De acordo com Nascimento (2011, p.10), a Educação voltada para jovens e adultos surgiu nas décadas de 30 e 40, a partir de “[...] uma modalidade de ensino, chamada Supletivo trazida por Paschoal Leme, que defendia uma educação justa e igualitária sendo uma responsabilidade do Estado. [...] na tentativa de erradicar o analfabetismo do Brasil. [...]”.

Posteriormente nos anos de 1950 e 1960 essa modalidade ganhou força com pensadores como Freire “[...] que defendia uma escola voltada às reais demandas e necessidades, ou seja, a educação voltada para a valorização da cultura popular visando à conscientização e a transformação social e, não somente de caráter assistencialista.” (NASCIMENTO, 2011, p.10).

No entanto, essa proposta foi sufocada, no ano de 1964, devido a instalação da ditadura militar, surgindo então o Mobral que se traduz como “Movimento Brasileiro de Alfabetização”, proposta que de acordo com Nascimento (2011, p.10) era de “[...] caráter ideológico, um modelo centralizador, articulado com o modo capitalista de produção e consumo [...]”.

Em 1980 o Mobral foi abolido, e conseqüentemente, foram criadas diversas modalidades, com intuito de atender as necessidades de jovens e adultos que desejavam frequentar ou retornar a escola, até chegarmos a proposta da EJA que temos hoje, entretanto esse processo ainda não está concluído, são muitos os entraves que ainda permeiam a Educação de Jovens e Adultos.

Atualmente a EJA é tema de muitos estudos, voltados para a resolução das deficiências que afastam o aluno do contexto escolar, tais como falta de preparação dos professores, ausência de material didático, o distanciamento entre a realidade do aluno e a escola, dentre outros. Verifica-se também a falta de perspectiva do professor em relação ao aluno, neste sentido não podemos deixar de refletir sobre o que afirma Freire (1987, p.46): “Não há também, diálogo, se não há uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e de refazer. De criar e recriar. Fé na sua

vocação de *ser mais*, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens.”

Ao refletir essa afirmação, entende-se que para realizarmos uma transformação na vida desses sujeitos precisamos acreditar na sua capacidade de aprender e ensinar, só assim será possível construir um diálogo, a partir da troca de experiências e da valorização do conhecimento de mundo de cada ser.

A proposta de utilização do cordel como recurso colaborador na formação de leitores capazes de estabelecer um diálogo entre o texto lido, sua realidade social, cultural e o eu, fundamenta-se na caracterização do cordel, como uma literatura produzida pelas camadas populares, e como tal se dirige a elas. Vale ressaltar que atualmente o cordel é produzido por sujeitos que ocupam diferentes lugares dentro da sociedade, sendo assim, aquilo que o poeta escreve carrega as marcas das suas vivências, que podem se confundir com as vivências de muitos que ao lerem o texto encontrarão nele um pouco de si, conquanto, cada leitor fará uma leitura particular do texto. Nas palavras de Araújo (2007, p.75),

Ao fazer sua leitura de mundo, o poeta popular traduz, no território do cordel, a sua compreensão e interpretação do mundo e das pessoas, das relações sociais e culturais, dos conflitos, das tensões e de todo um conjunto de práticas que são produzidas através das ações humanas.

Portanto, da mesma forma que o poeta dialoga com sua realidade na escrita do cordel, o leitor pode ser instigado a uma reflexão sobre si e os outros, a compreender as formas de opressão presente na sociedade e a lutar contra elas, no intuito de se tornar um ser livre. É o que propõe a pedagogia do oprimido defendida por Freire (1987, p.23),

A pedagogia do oprimido como pedagogia humanista e libertadora, terá, dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação.

Porém, o oprimido vê sua libertação quando consegue se tornar um opressor, e não como consequência de uma transformação que beneficiará a todos os oprimidos, como aborda Freire (1987, p. 18),

[...] Para eles, o novo homem são eles mesmos, tornando-se opressores de outros. A sua visão do homem novo é uma visão individualista. A sua aderência ao opressor não lhes possibilita a consciência de si como pessoa, nem a consciência de classe oprimida.

De fato aquele que pertence à classe oprimida luta para se libertar desta situação de forma individualista, e quando alcança o desejado acaba por tornar-se um opressor. Esse processo, constante em nossa sociedade, resulta no distanciamento proposta relacionada à pedagogia do oprimido.

A educação voltada para o interesse das camadas populares é um passaporte para essa libertação, pois na medida em que o homem toma consciência de si e da realidade, tende a lutar contra as indiferenças. Portanto, ela visa a inserção desses sujeitos, vítimas da exclusão do processo de educação dentro do ambiente escolar.

O livro organizado por Ireland; Machado e Paiva inaugura a coleção *Educação para todos*, este livro apresenta declarações, documentos e relatórios produzidos no contexto brasileiro e internacional, nos últimos sete anos, que abordam as transformações, regressos e evoluções referentes a Educação de Jovens e Adultos. De acordo com esses autores, os educadores desta modalidade devem apoiar-se no fazer pedagógico defendido por Freire,

A EJA deve considerar o diálogo pedagógico que Paulo Freire propõe e desenvolve, indo além de uma perspectiva pedagógica que possibilita uma reflexão dos oprimidos sobre a sua própria desumanização e, ao mesmo tempo, constrói o seu processo de recuperação da humanidade roubada. Tem-se um novo olhar sobre esses sujeitos. A preocupação não é apenas com a trajetória escolar, mas principalmente com as trajetórias pessoais e humanas [...]. (IRELAND; MACHADO; PAIVA, 2005, p.115).

No entanto, essa modalidade de educação ainda apresenta muitas fragilidades, na medida em que não consegue atender as necessidades dos alunos

e mantê-los na escola. Embora as leis garantam uma educação igualitária em relação às outras modalidades do ensino básico, segundo Ireland; Machado e Paiva (2005, p.20), a EJA fica em segundo plano, nas ações que visam a melhoria do sistema educacional,

Ocupando lugar secundário nas políticas educacionais, atribuem-se à EJA recursos insuficientes; faltam informações sobre os montantes de recursos a ela destinados, bem como critérios claros para sua distribuição e liberação. Dispondo de financiamento escasso, os programas de EJA não contam com recursos materiais e humanos condizentes com a demanda por atender. Essa modalidade de ensino padece da falta de profissionais qualificados, de materiais didáticos específicos e de espaços físicos adequados, problemas estes agravados pela discriminação dos cursos e alunos por parte dos dirigentes das unidades educativas e pela ausência de um processo sistemático de acompanhamento, controle e avaliação das ações desenvolvidas.

Apesar das problemáticas que permeiam a Educação de Jovens e Adultos, esta se destaca como iniciativa para transformar o cenário nacional, marcado por altos índices de analfabetismo, principalmente nas regiões Norte e Nordeste do país, além, de promover o retorno daqueles que abandonaram a escola por diversas causas. Nas palavras de Ireland; Machado e Paiva (2005, p.19),

[...] Trata-se de um jovem ou adulto que historicamente vem sendo excluído, quer pela impossibilidade de acesso à escolarização, quer pela sua expulsão da educação regular ou mesmo da supletiva pela necessidade de retornar aos estudos. Não é só o aluno adulto, mas também o adolescente; não apenas aquele já inserido no mercado de trabalho, mas o que ainda espera nele ingressar; não mais o que vê a necessidade de um diploma para manter sua situação profissional, mas o que espera chegar ao ensino médio ou à universidade para ascender social e profissionalmente.

Dessa forma, além do aluno que deseja aprender a ler, escrever, assegurar seu trabalho, temos também jovens e adultos que desejam concluir o Ensino Médio, e possivelmente adentrar o ambiente universitário, pois acreditam na ascensão social através da educação.

No que se refere a construção do conhecimento na EJA, Ireland, Machado e Paiva (2005, p.28) afirmam,

Concebendo o conhecimento como uma construção social fundada na interação entre teoria e prática, e o processo de ensino aprendizagem como uma relação em que predomina a troca de saberes, os currículos da EJA devem abordar os conteúdos básicos desde os princípios da educação popular em uma perspectiva interdisciplinar.

Deste modo, é preciso fazer um intercâmbio entre o conhecimento que a escola se propõe a oferecer ou construir e o conhecimento que o aluno possui, visto que, este como jovem ou adulto que é, já adquiriu múltiplos conhecimentos a partir da sua experiência de vida.

Ao sugerir a leitura dos cordéis na EJA, presume-se que estes tratam de temas que possivelmente interessarão aos alunos, no intuito de concretizar o diálogo que se espera entre leitor, texto e contexto, como sugere Hélder Pinheiro (2007, p.23), “[...] O modo como o poeta diz – e o que diz ou comunica – sua experiência, permite um encontro íntimo entre leitor-obra que aguçara as emoções e a sensibilidade do leitor”.

Assim, o diálogo entre o poeta e o povo é permanente. O poeta como aquele que compartilha sua experiência e conhecimento com o povo, ao mesmo tempo em que sua voz se mistura a voz do povo, pois o texto é constituído por uma multiplicidade de vozes que se confundem e se reconhecem.

## 2. A LINGUAGEM CORDELÍSTICA

A linguagem do cordel que se constitui através de estrofes, versos, rimas e métricas, produzido inicialmente no Nordeste brasileiro, se apresenta como literatura feita pelas classes menos favorecidas, e elas se destina, pois o principal público consumidor é constituído por nordestinos. No entanto, na contemporaneidade é aceita por diferentes classes sociais, divulgada através dos meios de comunicação, enfim, ocupa um espaço nas diferentes áreas do conhecimento.

Para muitos estudiosos do assunto, o texto poético cativa com maior intensidade o leitor, no caso do cordel, acrescenta-se o fato de serem histórias curtas, rimadas e de fácil entendimento, que podem ser declamadas ou cantadas possibilitando ao público não alfabetizado o contato com essas histórias, muitas vezes memorizadas e recontadas.

Para Abreu (2004, p.199-200), “O sucesso dos folhetos deve-se a um conjunto de fatores, entre os quais se destaca a forte relação com a oralidade mantida por essas composições. [...]”. Logo, essa aproximação com a oralidade atrai não só o público alfabetizado, como também o não alfabetizado.

Retomando a proposta de utilização da literatura de cordel na EJA, como instrumento de reconhecimento e construção do conhecimento, cito Matos (2011, p.152) que enfatiza, “O folheto de cordel, marcado por seu forte acento oral – rima, ritmo, repetições, musicalidade –, nascido da e na oralidade, sua matriz e motivação, transita hoje no espaço letra/voz. [...]”. É preciso questionar de que forma esses recursos da linguagem captam a atenção do sujeito, prende-o ao texto e provoca um clima de diálogo, aprendizagem e reflexão. Aqui também, fica explícito que apesar de ser um material impresso, os cordelistas escrevem seus textos com uma linguagem próxima da oralidade, facilitando o processo de compreensão e memorização das histórias, transitando continuamente entre esses dois espaços.

Os cordéis são construídos a partir de diversas estruturas, a mais comum ao cordel nordestino é a sextilha, estrofes que possuem seis versos, nos quais o segundo, o quarto e o sexto rimam entre si, dando certa musicalidade ao texto. De acordo com Araújo (2007, p.44),

O cordel, além da poeticidade que lhe é peculiar, tem ludicidade e musicalidade, conseguidas pelo jogo sonoro das rimas, com uma linguagem contemporânea marcada pela vivência cotidiana que o público leitor-ouvinte compreende, quando a ela tem acesso.

Os cordelistas, geralmente, utilizam a paisagem do sertão para narrar suas histórias, por isso os fatos ocorrem em um cenário que privilegia a região Nordeste, independentemente do tema a ser tratado na história, sempre há uma forma de inserir os personagens nesse ambiente. Nesta perspectiva, Araújo (2007, p.128) relata,

A paisagem do sertão e os problemas sociais por ele apresentados é que serviram de inspiração para a feitura de muitos folhetos que versavam sobre um Nordeste marcado pela fome, pela miséria e pela pobreza, reflexos da seca que fazia parte da composição da região [...].

Entretanto, o sertão também é a paisagem que inspira a composição de belas histórias de amor, aventura, humor, coragem, superação, astúcia, entre outros, capazes de revelar a perspicácia do nordestino para lidar com as dificuldades que afligem a vida no sertão.

Qualquer que seja a temática presente no cordel, as pessoas poderão se sentir instigadas a lê-lo, assim que tiverem a experiência de dialogar com essa linguagem, que durante muito tempo foi o instrumento de conhecimento, diálogo, e lazer de homens, mulheres e crianças excluídos da sociedade.

## 2.1 CORDÉIS DO CORAÇÃO

Nesta subseção será feita a análise de alguns cordéis utilizados na realização da pesquisa. Vale ressaltar que geralmente nos cordéis predomina o cenário nordestino, como ambiente, no qual ocorrem os fatos narrados, sejam eles reais ou fictícios, como podemos verificar nas estrofes do cordel intitulado *Florentino* e

*Mariquinha no tribunal do destino*, escrito por Marco Haurélio, constituído por 32 páginas.

Meus versos fazem parada  
 No reino da inspiração  
 Para recontar um drama  
 Passado no meu sertão,  
 Mostrando que um crime bárbaro  
 Não ficou sem punição.

Na fazenda Boqueirão,  
 Um recanto do Nordeste,  
 Vivia o Zé Florentino,  
 Espírito rude e agreste.  
 Que na labuta da roça,  
 Superava qualquer teste. (HAURÉLIO, 2012, p.3).

Observemos inicialmente como o poeta escreve seus versos, percebe-se um cuidado em obedecer a uma determinada estrutura, com versos, estrofes, métricas, rimas e sextilhas, seguindo o modelo do tradicional folheto nordestino. Além disso, o poeta faz questão de deixar explícita sua origem ao falar “meu sertão”. Essa narrativa relata uma história de amor, “traição” e vingança, temática muito comum na literatura de cordel. O personagem Zé Florentino, é caracterizado nestes primeiros versos como trabalhador rural, bruto, inculto, que age segundo essas qualificações, capaz de cometer crimes bárbaros para conservar a honra.

Na estrofe seguinte, o narrador relata acontecimentos que possivelmente tenham influenciado o modo de viver do personagem,

Órfão de pai e de mãe,  
 Cansaço não conhecia.  
 Para prover seu sustento,  
 Trabalhava todo dia  
 E do suor do seu rosto,  
 Com todo orgulho vivia. (HAURÉLIO, 2012, p.3).

Portanto, o fato de ter ficado órfão, levou-o a lutar pela sobrevivência sozinho, desde criança, para isso é preciso muita valentia, percebe-se também que ele é um

homem que valoriza a honra, pois trabalhava o quanto fosse necessário para conseguir seu sustento, não recorrendo a ações consideradas criminosas para isso.

Nos versos abaixo verificamos a descrição da figura feminina, nos cordéis, ela tanto pode ser caracterizada como bela, encantadora, doce, quanto como diabólica; nestes versos Mariquinha é comparada às santas do altar, revelando uma imagem doce e pura da mulher.

[...] Maria, que, na beleza,  
Lembrava as santas do altar. (HAURÉLIO, 2012, p.4)

A seguir Zé Florentino é qualificado como homem destemido e honesto, ao pedir Mariquinha em casamento a seu pai, demonstrando ser um ato de coragem e honestidade esse enftretamento.

Sou o José Florentino,  
Filho do finado Alfredo.  
Vim lhe fazer um pedido,  
Pois não gosto de segredo.  
E aprendi que nessa vida  
Nada faz quem tiver medo. (HAURÉLIO, 2012, p.6).

Nos versos a seguir aparecem alimentos que, normalmente são apreciados pelo nordestino, revelando traços da culinária regional, portanto pode ser visto como recurso que possibilita o reconhecimento cultural.

[...] Requeijão quente e chimango,  
Servidos numa cuité. (HAURÉLIO, 2012, p.11)

Muitos nordestinos, ao lerem ou ouvirem esses versos, possivelmente irão se lembrar da infância, ou mesmo de qualquer outro momento da vida em que esses hábitos alimentares eram ou são frequentes.

Observando os versos abaixo, verificamos o diálogo que o narrador procura estabelecer com o leitor ao mencioná-lo no texto, fazendo-lhe um pedido, isso, além de refletir a oralidade presente no cordel, leva-nos a pensar a concretização do constante diálogo estabelecido entre texto e leitor, no qual o narrador aparece como a encarnação do texto, tentando prolongar e manter vivo o diálogo.

Leitor, peço aqui licença  
 Pra falar de João Osório,  
 Que no início dessa história  
 Foi personagem notório [...] (HAURÉLIO, 2012, p.14)

Nas estrofes abaixo constatamos algo comum à realidade do nordestino a migração para regiões que lhes proporcionem uma vida menos difícil. Nesse caso, o personagem João Osório migra para uma região que também é nordestina, no entanto, parece oferecer condições favoráveis à mudança de vida, e conforme o descrito na narrativa, ele alcançou esse propósito e levou toda a família para desfrutar dessas “melhores condições”.

Cansado da rude vida,  
 Para melhorar a sorte,  
 João foi para Pernambuco  
 O grande Leão do Norte.  
 Lá empregou-se no porto,  
 Pois era disposto e forte.

Com o tempo ele levou  
 O pai, mãe e o irmão  
 Para viver no Recife  
 Numa melhor condição  
 Que aquela propiciada  
 Pela faina no sertão. (HAURÉLIO, 2012, p.15)

No caso das estrofes escritas em sextilhas, o segundo, quarto e o sexto verso rimam entre si, observando o exemplo dos versos acima percebemos que as palavras sorte, norte e forte estão rimando, não por acaso, estabelecem uma relação de sentido, revelam o homem que acredita ser capaz de mudar seu destino,

abandonando a situação de miséria, saindo a procura de melhores condições, seguindo uma direção, confiante de que lá se encontra a oportunidade de ter uma vida menos sofrida, com a certeza de que sua força física o levará a ascender financeiramente.

Com o passar do tempo, João Osório, apesar das melhores condições alcançadas, sente o desejo de retornar ao sertão, isso o revela como um típico sertanejo que não consegue viver afastado de sua origem. Aqui surge outra figura importante no cenário nordestino, Virgulino, conhecido como Lampião, considerado por alguns como um bandido extremamente perigoso que ameaçava a região, por outros era um herói que lutava para melhorar a vida do seu povo, por isso ele é personagem de muitos cordéis, que tanto o eleva, como o recrimina.

Seus pais não gostaram nada  
Daquela resolução,  
Pois o filho voltaria  
Para as brenhas do sertão,  
No tempo em que já reinava  
Virgulino, o Lampião. (HAURÉLIO, 2012, p.15)

Prosseguindo a narrativa, o que passa a sobressair é o desejo de vingança devido à possível traição cometida por Mariquinha, esposa de Zé Florentino, com seu melhor amigo João Osório. O que não passava de um grande engano, pois ao chegar em casa e ouvir sua mulher conversando com um homem, ficou cheio de ciúmes e aguardou do lado de fora, esperando que o homem saísse, enquanto isso planejava a morte da esposa, como vingança por sua traição. A situação ficou ainda pior quando entrou em casa e viu o vestido vermelho que João Osório deu a Mariquinha, sendo este um presente de casamento, já que havia se tornado um vendedor ambulante e vira o interesse da mulher pelo vestido.

O seu caso de adultério  
tornou-se agora notório.  
Pode começar rezar  
E fazer seu peditório  
Aos santos por sua alma  
E a alma de João Osório! (HAURÉLIO, 2012, p.19).

Mariquinha tenta explicar a situação, dizendo que o amigo foi visitá-lo e como demorava de chegar precisou ir embora, deixando o vestido de presente, entretanto Zé Florentino não quis saber de explicações, acreditava somente naquilo que seu ciúme e brutalidade permitiam, desfazendo a bela imagem de Mariquinha, que de início foi comparada a uma santa,

\_ Se ele é de fato inocente,  
Serpente vil e ruim,  
Por que veio à minha casa  
E não esperou por mim? (HAURÉLIO, 2012, p.20).

Sem chances de defesa, Mariquinha acredita na recompensa divina, na presença dos anjos e de Maria Imaculada, revelando-se uma mulher de muita fé, baseada nos princípios religiosos do catolicismo,

Já ouço o coro dos anjos  
Na derradeira morada  
E a voz enternecedora  
De Maria imaculada,  
Recebendo a sua filha,  
Que morre sem ser culpada. (HAURÉLIO, 2012, p.22)

Na conclusão da história, o narrador se dirige novamente ao leitor, no intuito de se despedir e encerrar o diálogo, mostrando seu descontentamento em contar uma narrativa tão triste, ocorrida no sertão, na qual se revela a perversidade do ser humano, deixando implícito seu pertencimento a essa realidade.

Leitor, minha narrativa  
Agora chegou ao fim.  
Por se passar no sertão,  
Foi difícil para mim  
Mostrar a maldade humana,  
Mas a vida é mesmo assim. (HAURÉLIO, 2012, p.30)

Na concepção de Abreu (2004) esse diálogo que o narrador procura estabelecer com o leitor, ocorre devido à proximidade dessa literatura com a oralidade, segundo ela,

As falas do narrador aproximam os folhetos de narrativas orais em que ele se encontra frente a frente com o público e pode interromper o relato para externar suas opiniões, assim como fazem os ouvintes, louvando os heróis, criticando vilões, torcendo pela felicidade de jovens namorados. [...] (ABREU, 2004, p.217)

No cordel *A confissão de um drogado*, Zeca Pereira aborda uma temática muito discutida na contemporaneidade, sendo um dos maiores problemas que atingem as famílias, particularmente, os jovens. É pertinente discutir essa temática com nossos alunos, conhecer a visão deles a sobre o uso de drogas, conscientizá-los em relação aos danos que podem causar.

Essa narrativa traz os relatos de um rapaz que usava drogas, por isso foi expulso de casa, tornou-se mendigo, e terminou preso ao tentar realizar um assalto, no intuito, de conseguir dinheiro para comprar drogas. Nos versos abaixo podemos conhecer um pouco dessa história.

Com quinze anos de idade  
Comecei a cheirar cola,  
Com uns colegas tive  
Lá mesmo na minha escola,  
Desse dia por diante  
Estudar que é importante  
Larguei tudo não dei bola. (PEREIRA, 2008, p.5).

O personagem narrador relata o momento em que se iniciou o vício, as influências que o levaram a essa experiência e o abandono da escola, reconhecendo que esta é importante.

Nas estrofes abaixo é feito um relato sobre o momento em que foi expulso de casa, sua condição de mendigo e as dificuldades que precisou enfrentar sobrevivendo nas ruas, acima de tudo para alimentar seu vício.

Até que um certo dia  
 pai perdeu a paciência  
 pegando-me pelo braço  
 usando de violência,  
 E depois de me bater  
 Mandou desaparecer  
 lá de casa com urgência.

Eu tinha dezoito anos  
 Quando de casa saí  
 Fiquei morando nas ruas  
 Como mendigo me vi  
 Dormindo pelas calçadas  
 Naquelas noites geladas  
 De frio e medo eu tremi.

Enfrentei muitos problemas  
 pra poder me alimentar  
 porque não tinha dinheiro  
 Era obrigado a roubar  
 Foram diversas prisões  
 Surras e humilhações  
 Numa vida de amargar.

Muitas vezes eu brigava  
 Até mesmo sem querer  
 Seguindo a lei das ruas  
 matar para não morrer [...]. (PEREIRA, 2008, p.7).

O uso de drogas trouxe-lhe muitas amarguras, sofrimentos, solidão e abandono, transformou-o em um ladrão e assassino, situações comuns àqueles que se entregam ao vício. Sem dúvida essa narrativa leva o leitor a refletir a situação miserável a que se submete uma pessoa dominada pelas drogas.

Depois de muito sofrer nas ruas e ser preso, o rapaz é acolhido por seus pais, que dão uma nova oportunidade ao filho acreditando na sua mudança. Contudo não isso que acontece,

O dinheiro que meu pai,  
 Dava-me para lanchar  
 Nunca comprei um só pão  
 Pra poder me alimentar  
 Era sempre reservado,  
 Pra comprar um “baseado”  
 E ocultamente fumar.

Algumas coisas que fiz  
 Até hoje me arrependo  
 Como foi roubar em casa  
 Pra depois sair vendendo

Objetos dos meus pais,  
E isso me dói demais  
Até em está lhe dizendo.

Minha mãe sentia falta  
Dos objetos roubados  
Mas nunca imaginava  
Que tinham sido furtados  
Para vender ou trocar  
Por maconha e fumar  
Com os outros viciados. (PEREIRA, 2008, p.10-11).

Como verificamos nas estrofes acima, ele continuou a utilizar diferentes tipos de drogas, enganando aos pais e, além disso, passou a roubar os objetos de casa para sustentar o seu vício, ações a que recorrem viciados que não encontram outra saída para conseguir dinheiro.

Ao concluir seu relato, o rapaz mostra-se arrependido da sua opção de abandonar os estudos e a família para viver no mundo das drogas, desperdiçando sua juventude e comprometendo seu futuro, já que se encontrava trancado numa prisão.

Más companhias e drogas  
Só nos levam à perdição  
E eu, inexperiente,  
Entrei neste turbilhão  
E quando ele se desfez  
Eu caí de uma vez  
Aqui dentro da prisão. (PEREIRA, 2008, p.16).

A leitura deste cordel pode levar o sujeito a refletir sobre as consequências causadas pelo uso de drogas, capazes de destruir a vida dos jovens, fazendo-os perder todas as esperanças em um futuro melhor. Lembrando que este é um assunto que interessa tanto aos jovens quanto aos adultos, pois é um dos maiores males da sociedade contemporânea, causa da infelicidade e destruição de muitas vidas e famílias.

O cordel intitulado *Os fantasmas do condado*, de José Walter Pires conta uma história cheia de fantasias, ambientada no sertão, especificamente em um casarão antigo, construído na época do coronelismo, porém o que ele pretende é levar o

público leitor a conhecer um pouco das origens de uma cidade chamada Brumado, ressaltando a necessidade de conservação do casarão como parte da cultura, por considerá-lo um patrimônio capaz de revelar muito da história local.

Quem já não ouviu contar  
Histórias de assombração  
Em noites de lua cheia  
Nas quebradas do sertão  
Arrepiando os ouvintes  
Ao longo da narração?

Dessa forma me reporto  
Ao casarão do Condado  
Pertencente aos Canguços  
Lá num distante passado  
Testemunho das origens  
Históricas de Brumado.

Do último Senhor do Brejo  
Foi a sua residência  
Onde morreu Exupério  
Canguçu, já na falência  
Do império coronelístico  
E toda a sua opulência.

Tornou-se propriedade  
De uma empresa local  
Que procurou preservar  
O estilo colonial  
Hoje, já modificado  
Na feição original.

Mesmo assim resiste ao tempo  
Merecendo ser Tombado  
Pelo Patrimônio Artístico  
E cultural deste Estado  
Transformando- o num Museu  
Regional, resgatado. (PIRES, 2013, p.1- 2-3).

Nas estrofes abaixo, Pires retoma a questão dos fantasmas presente no título, visto que, anteriormente, ele focalizou o valor cultural do casarão para a região e o desejo de vê-lo transformado em um museu,

E os fantasmas onde ficam ?  
Já vai longa a introdução  
Vou falar deles agora  
Como ouvi a narração

Do caseiro Velho amigo  
Com muita convicção.

Vou encerrar meu relato  
Deixando aqui registrado  
Com prazer e alegria  
Mais um fato ambientado  
Neste sertão da Bahia  
Município de Brumado.

Só através da cultura  
A história se constrói  
E faz um povo altaneiro  
quem não preserva destrói  
Antecipando o final  
Do que o tempo já corrói.

Deixo expresso meu apelo  
Que traduz justo motivo  
um museu regional  
Tendo como objetivo  
Na casa dos Canguços  
Neste sertão produtivo! (PIRES, 2013, p.3-8).

Portanto, ao falar de fantasmas, o autor pretende apenas criar um ambiente de suspense e mistério para envolver o leitor e conscientizá-lo sobre a importância do casarão para a história e cultura daquela cidade.

### 3. DESCREVENDO O ESPAÇO DE CONCRETIZAÇÃO DA PESQUISA

Esta pesquisa foi aplicada durante os meses de outubro e novembro do ano de 2013, durante a realização do Estágio Curricular Supervisionado IV na área de Língua Portuguesa e Literaturas. Os resultados foram obtidos a partir da observação das reações dos alunos durante a concretização das leituras em sala de aula e da análise de textos escritos por eles, nos quais, expressavam sua compreensão e reflexão sobre as leituras feitas no decorrer da pesquisa, tanto das coletivas, quanto das individuais realizadas fora do espaço escolar.

O público participante desta pesquisa corresponde a uma turma de EJA (Educação de Jovens e Adultos) do 1º e 2º anos do Ensino Médio, do período noturno, composta por 20 alunos, com idade entre 16 e 27 anos, moradores tanto da zona rural, quanto da zona urbana, sendo superior o número de residentes na área urbana. Além disso, o número de mulheres é significativo em relação aos homens, resumindo-se em apenas quatro.

Muitos deles já trabalham em diversos setores, inclusive como babá, doméstica, auxiliar de limpeza, operador de motosserra, trabalhador rural, entre outros serviços, e alguns afirmam que são apenas estudantes.

Os alunos não estão acostumados ao diálogo em sala de aula, por isso raramente discutem entre si sobre as questões que envolvem a escola, nem a vida, transparece um sistema de cada um por si, não compartilham aprendizados, questionamentos, e não se preocupam em exigir mais da escola e dos professores, raramente se envolvem nas discussões sugeridas pelo professor, para questionar ou compartilhar experiências que se relacionem com a aula ou outros assuntos.

De modo geral, demonstram intenso desinteresse pela escola e, de maneira particular, pela leitura literária, quando sugerida, eles não evidenciam desejo em realizá-la, no entanto demonstram gostar de ouvir histórias.

Os alunos que constituem essa turma de Jovens e Adultos, em sua maioria, parecem almejar apenas acelerar o processo de conclusão do Ensino Médio, sendo que este é compactado, possibilitando a conclusão de uma série em apenas um semestre, na sua maioria são desinteressados e faltam as aulas constantemente.

Por outro lado, há alunos que enxergam na EJA a oportunidade de regressar a escola, normalmente apresentam maior interesse pelas aulas, pois possuem

excelente frequência, realizam as atividades propostas com dedicação e, ainda, se preocupam em justificar sua ausência. Portanto, devido a essa diversidade, surgem muitas complicações, na medida em que, os alunos em consequência da diferença de idade e experiência de vida, possuem interesses e comportamentos diversos.

### 3.1 ESTRATÉGIAS DE LEITURA DOS CORDÉIS NA EJA

No que se refere a introdução da leitura da literatura de cordel na sala de aula, inicialmente não surtiu o efeito esperado, foi selecionada uma história, escrita em sextilhas, com 32 páginas, considerada clássica dentro das produções cordelísticas, cujo título é *O pavão misterioso*, de José Camelo Rezende.

A estratégia utilizada fazia referência a leitura compartilhada, porque possibilitaria a participação de todos, pois não era possível que cada aluno tivesse acesso ao cordel completo, o texto foi impresso, e as estrofes foram recortadas e distribuídas entre os alunos. Foi solicitado a formação de um círculo para facilitar a interação e a audição durante a leitura, porém, apresentaram resistência, pelo fato de não possuírem relações de diálogo entre si.

Enfim, não houve acordo, portanto não foi possível formar o círculo, o que dificultaria a audição e compreensão do texto, quando descobriram que durante a aula seria realizada a leitura e discussão do texto, alguns se retiraram da sala, outros trocaram de lugar, impossibilitando a efetivação da atividade que exigia muita organização.

Diante dos imprevistos, houve a necessidade de mudar a estratégia de leitura, que foi concretizada pela professora e uma aluna que se disponibilizou. Por fim, com a não participação da turma na atividade de leitura, aos poucos alguns alunos foram ficando dispersos e outros desejavam ouvir o final da história. Essa atividade pretendia apenas levá-los a conhecer a estrutura do cordel, observando características como, o formato do impresso, a construção do texto, a linguagem e verificar as possibilidades de identificação dos alunos com essa literatura.

Na aula seguinte falamos sobre o cordel lido, através de uma estrofe deste foi mostrado aos alunos como aquele cordel havia sido construído, ou seja, as estratégias de linguagem e as características, tais como, a presença de rimas que

dão certa musicalidade ao texto, as métricas, as sextilhas, os versos, ressaltando que existem várias estruturas que configuram a construção do texto cordelístico.

A partir dessa primeira experiência de leitura do cordel, constatou-se o intenso desinteresse pela leitura literária, pois muitos afirmaram que o texto era extenso e outros se negaram a ler, impossibilitando a concretização da leitura compartilhada e reflexão sobre o texto.

Geralmente após a leitura de um texto literário, diziam não ter compreendido nada. Aos poucos com a apropriação dos cordéis através da leitura compartilhada em voz alta na sala de aula e da leitura individual realizada em ambientes fora da escola, alguns desses alunos se encorajaram em discutir, comentar, contradizer ou concordar com aquilo que se deparavam diante do texto literário.

Após conhecer um pouco da historicidade e da linguagem do cordel, os alunos escolheram cordéis que seriam lidos fora da sala de aula. Eles demonstraram entusiasmo na escolha, observavam principalmente a ilustração da capa e o título, outros perguntavam à professora se o texto era bom.

Foi solicitado que após a leitura escrevessem um texto relatando a experiência de leitura. Enfatizando aquilo que lhes chamou atenção, buscando relacionar as temáticas e histórias presentes no cordel com situações vivenciadas pelos alunos, com seus valores culturais e conhecimento de mundo, revelando a forma como foi realizada a leitura, ou seja, ela foi prazerosa, aprendeu algo, sobre quais questões essa leitura o fez refletir, o texto foi compreendido com facilidade, entre outras observações.

Os textos escritos pelos alunos serviriam de base para a análise que levaria a uma conclusão sobre a colaboração da literatura de cordel enquanto instrumento de reconhecimento cultural no despertar do gosto pela leitura literária construtiva e prazerosa.

Foram utilizados vinte cordéis, quantidade correspondente ao número de alunos, após as leituras trocavam as histórias entre si, possibilitando maior interação entre a turma.

Uma das leituras mais significativas feitas em sala de aula foi a do cordel cujo título é *O Batizado do gato*, escrito por Arievaldo Viana Lima. Ao término da leitura os alunos fizeram referência ao *Auto da Compadecida*, peça teatral criada por Ariano Suassuna. O fato de fazerem essa relação já pode ser considerado um grande avanço, na medida em que antes mal prestavam atenção na leitura. Além

disso, demonstraram ter gostado do texto, sempre interrompiam a leitura para fazer algum comentário e sorriram bastante.

Após a leitura pedi a eles que falassem sobre o texto lido, então começaram a fazer resumos oralmente. Foi necessário realizar uma intervenção para incitá-los a enxergarem além do texto, aquilo que chamamos de entrelinhas. Com questionamentos sobre os valores religiosos, a fragilidade humana diante dos bens materiais, a identidade da mulher na sociedade contemporânea, muitas vezes tratada como mercadoria, etc. Foi solicitado que pensassem essas questões e produzissem um texto, já que apresentavam resistência em falar sobre os temas sugeridos pelo cordel.

A utilização do cordel na EJA como instrumento capaz de auxiliar na formação do leitor, está relacionada, primeiramente ao fato de ser uma literatura produzida em grande parte na região Nordeste e por nordestinos, a facilidade de compreensão do texto e ao fato de ser uma narrativa curta, visto que, muitos afirmam que não leem por falta de tempo; a leitura de um cordel, geralmente, é muito rápida devido ao tipo de linguagem e a estrutura do texto.

No decorrer da realização da pesquisa, alguns alunos começaram a evidenciar certo interesse pela leitura literária, já não transparecia aquela desmotivação, e recebiam com mais tranquilidade uma proposta de leitura e produção escrita na sala de aula. Na produção escrita de textos com base na estrutura do cordel, os temas predominantes estavam direcionados às drogas, amor, religião, alcoolismo, política, educação, meio ambiente, e outros.

### 3.2 VOZES ESQUECIDAS EM PROCESSO DE INCLUSÃO

Os resultados da aplicação da pesquisa foram satisfatórios, na medida em que foi possível incentivar o aluno a leitura literária de forma reflexiva. Vale ressaltar que a maioria não demonstrava nenhum interesse por ler literatura. Suas expressões faciais e corporais traduziam um sentimento de insignificância relacionada à prática de leitura na sala de aula.

O processo para instigar e inserir esses sujeitos nas práticas de leitura literária configurou-se como uma ação carregada de entraves, primeiramente devido

ao fato de não estarem habituados a essa prática, por apresentarem um comportamento “preguiçoso”, na proporção em que, não estavam dispostos a realizarem atividades que exigissem reflexão e criatividade, tais como ler, discutir e escrever.

Aos poucos, com as experiências de leitura realizadas na escola e fora dela, alguns alunos, foram apresentando comportamentos diferenciados, começaram a frequentar mais as aulas, realizar as atividades e comentar a cerca dos textos lidos, entretanto, outros continuaram com o mesmo comportamento, sem desempenhar as atividades e faltando as aulas constantemente.

Apesar da turma se constituir por um número significativo de jovens em relação aos adultos, os primeiros apresentavam desinteresse e ausência durante as aulas, nesse caso, os adultos superavam as expectativas, no entusiasmo e dedicação, embora tivessem mais responsabilidades fora da escola.

Os sujeitos participantes da pesquisa foram identificados como leitores, sendo assim, o termo leitor foi abreviado em (L) e enumerado conforme o número de sujeitos que tiveram seus textos analisados, que no total são oito, dessa forma, a enumeração se inicia de L1 a L8.

Através da leitura em sala de aula do cordel *O batizado do gato*, de Arievaldo Viana Lima, alguns alunos produziram textos mostrando sua compreensão e reflexão sobre a narrativa, outros fizeram apenas um resumo. Observemos um trecho escrito por um leitor,

[...] O animal teve batismo na igreja e festa para comemorar . O padre e o Bispo eram pessoa gananciosos e so se importava com dinheiro e foi quando celebrou o Batizado do gato pessoas que so se emporta com bens materiais e acaba cometendo loucuras. [...]. (L. 1).

Neste trecho o leitor coloca sua interpretação, considerando o padre e o Bispo, personagens da história, gananciosos, ressaltando que as pessoas quando dominadas pelo desejo de alcançar apenas os bens materiais cometem atos absurdos.

No fragmento a seguir o leitor começa a falar sobre as mudanças que vão ocorrendo na sociedade no decorrer da história, no entanto faz apenas um resumo do texto sem reflexões mais aprofundadas,

Entendi que a cada ano que passa as coisas mudam, no cordel que lemos fala sobre uma família que tem um gato, e como gostava tanto do animal, resolveram até batizar na igreja, dando a recompensa no começo o padre não queria mas depois convenceu o bispo a batiza-lo pois a ajuda era grande. deram até nome e sobrenome ao animal, a dona do gato era casada, mas não teve filhos, o marido deu de presente o gato a mulher, pra distrai-la . E de tão boa a recompensa o bispo queria que houvesse outros assim. (L. 2).

Já no texto a abaixo o leitor faz apenas um pequeno resumo da história, meio confuso, sem muitos detalhes, há uma pouca disposição em refletir sobre a série de questões que o texto é capaz de incitar,

Eu entendi q tinha uma familia q gostava muito de um gato, e esse gato fazia parte de sua familia i esse gato era considerado um membro da familia, e queria batizar seu gato na igreja, e eles eram um Casal e como não tinha filhos, aí eles ja estavam desesperados o marido deu-lhe um gato pra distrai-la, coitada, Ai ela muito feliz, considerava seu filho. E queria batizar seu gato, mas o padre contragido, n achou um boa ideia ele falou q era pecado faz isso. mas ele viu q o gato era diferente e ele batizou o gato. (L. 3).

Assim como os outros leitores, o leitor que escreveu o texto abaixo também fez um pequeno resumo, acrescentando uma reflexão sobre a influência que o dinheiro exerce sobre as pessoas, levando-as a praticarem ações que vão contra os valores morais da sociedade.

Esse cordel fala de um animal que foi Batizado na igreja e que teve festas para comemorar. Esse animal era tratado como um membro da familia. fala tambem de um padre e um Bispo que Realizou o Batizado de um animal so por Dinheiro e por bem materiais e que por causa Do dinheiro cometi coisas que não são permitidas. (L. 4).

No fragmento a seguir o leitor começa seu texto afirmando que a história fala de valores que norteiam as famílias, do caráter das pessoas, ressaltando que o gato é mais valorizado que as pessoas em muitos casos.

O que eu entendi, é que se fala de valores de família de caráter. O valor que o gato recebeu, muitos não ganham o animal recebe nome dinheiro e até ganha o direito de ser batizado. Mais adiante revela que o desejo do homem em batizar seu animal de estimação, fez com que o padre mostrasse toda sua ambição, O interesse do dono em batizar seu animal acende o interesse do padre em ganhar dinheiro em cima de toda aquela história. (L. 5).

Prosseguindo realiza discussões mais claras sobre o texto, falando sobre o comportamento da mulher, em algumas situações, usando do poder do marido para conquistar uma posição dentro da sociedade, conclui afirmando que o texto fala dos valores, ambições, vaidades e desejos.

A mulher, busca a vaidade, não se casa com pobre que não tem onde cair morto e sim com um homem rico que possa fazer todas as suas vontades. O ser humano tem seus valores suas vaidades suas ambições e seus desejos o texto mostra muito isso. (L. 5).

No texto abaixo o leitor começa dizendo que a história é bonita, relatando alguns acontecimentos, mais adiante vai afirmar que o cuidado com o animal leva, as pessoas a pensarem na importância da honestidade e generosidade.

Pelo que entendi foi uma história muito bonita; eles falaram que queriam batizar um gato e como eles tinham dinheiro na igreja foi batizado. ele foi batizado com nome e sobrenome dos seus donos. Pelo que eu acho é que pelos menos existe também um pouco de honestidade amor, respeito e dedicação por um animal, porque as pessoas estão precisando de um pouco de honestidade. Para mostrar para as pessoas que devemos ter um pouquinho mais de generosidade à começar pelos animais. A importância de gostar de si mesmo e do próximo, e sobre a facilidade com que as pessoas se deixam corromper pelo dinheiro. Devemos ter amor próprio aprender a gostar dos próximos. Mas a questão é sobre o dinheiro que na maioria das vezes compra as pessoas. (L.6).

No texto a seguir o leitor já apresenta uma visão mais minuciosa do texto, fazendo comentários mais reflexivos, ao mesmo tempo em que, vai resumindo a história, coloca seu ponto de vista em relação aos fatos apresentados. Ao concluir afirma a importância de cuidar dos animais, porém ressalta a necessidade de ser solidário com o próximo.

Na historia do batizado do gato mostra um pouco da vida real de hoje em dia. Na historia fala que Dinheiro e mulher bonita e quem governa o mundo, isso é real. Uma mulher bonita seduz um homem e tira dinheiro facil não todas as mulheres tem muitas que são direitas, no texto tambem tinha uma parte que o padre não queria batizar o gato mas o homem dise que daria muito dinheiro ai ele aceitou na hora e depois de batizar o gato ele dise que com dinheiro ele batizaria macaco cachorro e outros animais isso porque ele muito ganicioso. isso mostra que dinheiro que manda no mundo. alem de relatar do dinheiro, mostra tambem o consumismo enquanto no mudo tem gente pasando fome tem gente jogando dinheiro fora tem que cuidar dos animais, mas tambem tem que cuidar dos animais, mas também tem que ser solidario com o ser humano. (L. 7).

O próximo texto analisado faz referência ao cordel *A confissão de um drogado*, de Zeca Pereira. O leitor realizar apenas um resumo da história, enfatizando aquilo que mais lhe chamou atenção, o fato do personagem ter se arrependido de suas ações.

Trata-se da confissão de um homem que se envolveu com drogas, cometendo alguns delitos para manter o seu vicio. foi acolhido pelos pais depois de viver nas ruas como um mendigo, mas não se controlou e até seus pais ele roubou. O pai ao descobrir resolveu colocalo pra fora de casa. Lá ele nunca mais voltou, pois depois de voltar pras ruas, conheceu um homem que se fez seu amigo e le deu abrigo. Em um dia lhe fez uma proposta de roubarem juntos uma casa e ele aceitou foi ai que ele se afundou mais ainda até tiro levou, e aquele que se dizia seu amigo o abandonou, para não morrer uma pessoa ele matou. A policia chegou no local e lá estava ele, além de baleado, preso e condenado. A parte que eu mais gostei é quando ele se arrepende de tudo que fez. (L.5).

Na escrita reflexiva sobre o cordel intitulado *Florentino e Mariquinha no tribunal do destino*, de Marco Haurélio, o leitor afirma que a história é linda e ensina as pessoas a amarem a si mesmas e ao próximo. Depois fala um pouco sobre a

narrativa e como esta mostra a possibilidade de alcançarmos aquilo que desejamos, através da boa vontade e confiança.

Pelo que eu entendi sobre o cordel de Florentino e Mariquinha no Tribunal do destino, É muito linda essa história de amor mas nós ensina a ter amor próprio, e pelas pessoas. No cordel fala da vida de um homem apaixonado batalhador e com sede de vitória. Muito apaixonado por Mariquinha mas com muito medo de enfrentar a vida, mas ele foi muito forte de espírito, corpo, Alma e coração e se desafiou a si próprio. Com tudo isso só nos prova que com um pouquinho de boa vontade conseguimos alcançar nossos objetivos. É só querer e acreditar. [...] (L. 6).

Em seguida demonstra acreditar que cada ser humano é responsável por seu destino, resultante das suas ações ao longo da vida. Dessa forma, o leitor constrói uma pequena reflexão a cerca da condição humana.

[...] Na vida nós traçamos nosso destino tudo que se planta, a gente colhe, devemos agir com o coração amando nossos irmãos, porque a vida nos cobra um outro destino. (L.6).

Em relação à leitura do cordel *Em nome da paz*, de Walter Pires, o leitor comenta um pouco a temática presente no cordel, que relata a necessidade de alcançar a paz para realizar uma transformação, e que esta só é possível através da união de todos.

O cordel que li expressa isso sobre a paz um tema que chama atenção de quem ler e a outros cordéis que expressa diversos momentos que vivemos. Em nome da paz fala que devemos semear paz por todo o mundo, espalhando sementes de cultivo, e dar as mãos para uma transformação de repente, que nossa humanidade possa conviver feliz sem nenhuma injustiça e guerras e cada um é capaz de construir de verdade a paz juntos. (L. 8).

Ao falar sobre o cordel *Os fantasmas do condado*, de Walter Pires, o leitor demonstra maior interesse pelo lado misterioso da história, realizando um

intercâmbio entre a narrativa e fato que aconteceu na sua vida, deixando transparecer sua visão sobre o tema.

Esse livro fala de um casarão da época colonial que acontecia coisas estranhas como aparecer luzes acesas logo depois de terem sido todas apagadas. Mas na minha opinião isso existe já morei em uma casa num lugar deserto que tinha como único vizinho um cemitério e sempre acontecia coisas estranhas por lá. Como por exemplo as lanpadas se acenderem so as portas se abrirem e panelas caírem mas nunca vi nada que prove seja fantasma as vezes escutava gritos a noite mas tinha uma estrada onde passa muita gente poderia ser alguém com Brincadeiras. (L. 4).

Através da escrita dos textos, no intuito, de que os alunos relatassem suas experiências de leitura, foi possível perceber que eles possuem certa dificuldade em refletirem sobre as leituras literárias que realizam, geralmente fazem um pequeno resumo. No entanto, o fato de se dedicarem ao ato de leitura, já pode ser considerado um grande avanço, na medida em que antes, não demonstravam nenhum ou pouco interesse.

## CONCLUSÃO

A concretização deste trabalho fundamentado na importância da literatura de cordel, como instrumento colaborador na constituição do leitor literário, foi relevante, na medida em que possibilitou o contato com as dificuldades e interesses que possuem os alunos que participam da Educação de Jovens e Adultos, a partir de discussões realizadas durante as aulas através da leitura compartilhada e da escrita de textos, nos quais relatavam a experiência de leitura dos cordéis, foi possível suscitar nos alunos a construção do gosto pela leitura literária.

Normalmente, são alunos que recebem pouco incentivo, e em sua maioria são descrentes da educação, apresentando comportamentos que revelam esse descontentamento. O que torna mais difícil a tentativa de construir um diálogo direcionado ao reconhecimento do texto literário como suporte para a construção do conhecimento.

No decorrer da pesquisa, os alunos foram se mostrando envolvidos e interessados na leitura das obras cordelísticas, com exceções, pois alguns resistiram a proposta de leitura, e não participaram de forma significativa das atividades desenvolvidas durante o processo de consolidação da pesquisa.

É possível verificar através da análise dos textos e das reações dos alunos durante as atividades de leitura em sala de aula o intenso distanciamento entre a escola e o incentivo às práticas de leitura literária, pois em sua maioria apresentam resistência à realização dessas atividades.

Na escrita percebe-se a dificuldade em estabelecer um diálogo como o texto, na proporção em que fazem apenas resumos das histórias narradas, sem reflexões expressivas, no entanto, alguns alunos constroem textos com pequenas reflexões e diálogos com sua visão de mundo e experiências de vida.

Enfim, o que vale ressaltar é o avanço de alguns alunos, em relação ao interesse pela leitura, interpretação e diálogo, na dimensão em que antes, não interagiam com os colegas e nem com os textos lidos, ficavam dispersos e inquietos durante os momentos de leituras que era realizada unicamente pelo professor.

Foi apenas um pequeno passo em direção à desconstrução da compreensão da literatura como texto vazio de significações, distante do “mundo real”, considerada por muitos apenas como um texto fictício, que pode nos divertir,

entristecer, emocionar, mas não causará nenhuma transformação no nosso modo de aprender, ver e pensar o mundo.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Então se forma a história bonita**: relações entre folhetos de cordel e literatura erudita. Universidade Estadual de Campinas. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 10, n. 22, p. 199-218, jul./dez. 2004.

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura**: a formação do leitor: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

ALVES, Roberta Monteiro. **A literatura de cordel em sala de aula**: Uma proposta pedagógica para a construção de um sujeito crítico. São Cristóvão (SE): Universidade Federal de Sergipe, 2010.

ARAÚJO, Patrícia Cristina de Aragão. **A cultura dos cordéis**: território(s) de tessitura de Saberes. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2007.

BAHIA, Secretaria da Educação do Estado da. **Educação de Jovens e Adultos**: aprendizagem ao longo da vida. SEC, 2009.

BELO, André. **História & livro e leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

CARVALHO, Maria Avelina de; LOPES, Iveuta de Abreu. Experiências escolares para uma leitura eficaz. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris (org.). **Leitura e mediação pedagógica**. São Paulo: Parábola, 2012.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. Leituras e leitores “populares” da Renascença ao período clássico. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. (orgs.). **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1999.

CURRAN, Mark J. **História do Brasil em cordel**. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. 4 ed. Tradução: Luiz Roberto Salinas Fortes. Cidade: Perspectiva, 2003.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1990.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: , Paz e Terra, 1987.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. **A arte do povo: histórias na literatura de cordel (1900 – 1940)**. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia: Programa de Pós-graduação em História. Niterói, 2005.

HAURÉLIO, Marco. **Breve história da literatura de cordel**. São Paulo: Claridade, 2010.

HAURÉLIO, Marco. **Florentino e Mariquinha no tribunal do destino**. São Paulo: Luzeiro, 2012.

IRELAND, Timothy; MACHADO, Maria Margarida; PAIVA, Jane. **Educação de Jovens e Adultos: uma memória contemporânea 1996-2004**. Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2005.

LIMA, Arievaldo Viana. **O batizado do gato**. Fortaleza: Tupynanquim, 2000.

LUYTEN, Joseph M.. **O que é literatura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MATOS, Edilene. **Literatura de cordel: a escuta de uma voz poética**. Goiânia: Habitus, 2011. Disponível em: <http://seer.ucg.br/index.php/habitus/article>.

NASCIMENTO, Lourgeny Damasceno do. **A importância da literatura de cordel no cotidiano dos alunos da EJA**. Monografia (Licenciatura em Artes Visuais). Universidade de Brasília: Feijó, 2011. Disponível em: <http://bdm.bce.unb.br/bitstream>.

PEREIRA, Zeca. **A confissão de um drogado**. São Paulo: Luzeiro, 2008.

PERRONE-MOÍSES, Leila. **Altas literaturas: escolha e valor na obra dos escritores modernos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. Campina Grande: Bagagem, 2007.

PIRES, José Walter. **Os fantasmas do Condado**. Brumado: Gráfica Bandeirante, 2013.

PIRES, Vera Lúcia; TAMANINI-ADAMES, Fátima Andréia. **Desenvolvimento do conceito bakhtiniano de polifonia**. São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es..>

RESENDE, José Camelo de Melo. **O pavão misterioso**. São Paulo: Luzeiro, 2010.

SILVA, Zezito Rodrigues da. Trabalho, Cultura e Sobrevivência no Alto Sertão da Bahia. ANAIS do II Encontro de História – trabalho e memória. Universidade do Estado da Bahia – DCH – Campus VI / Caetité: 2007.

YUNES, Eliana. Leitura como experiência. In: YUNES, Eliana; OSWALD, Maria Luiza (orgs.). **A experiência da leitura**. São Paulo: Edições Layola, 2003.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. 2 ed. Tradução: Jerusa Pires Ferreira; Sueli Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000.